

**O DISCURSO HEGEMÔNICO E IDEALISTA NA TROCA DO TERMO
FAVELA POR COMUNIDADE**

**THE HEGEMONIC AND IDEALISTIC DISCOURSE IN THE EXCHANGE OF
THE TERM FAVELA FOR COMMUNITY**

Luiz Henrique Costa de Santana¹

Universidade Federal Rural de Pernambuco

Clarice de Freitas Silva²

Universidade Federal Rural de Pernambuco

Emanoel Rodrigues de Souza³

Universidade Federal da Paraíba

Resumo: A obscuridade da assimilação dos termos, *comunidade x favela*, é algo que merece ser discutido, tendo em vista a falta de conteúdo que denote como se deu esse processo de desuso de um termo para a adesão de outro. Assim, este trabalho objetiva compreender em que campo social se deu a mudança dos termos. Os aportes teóricos que fundamentam este estudo consideram a Análise Crítica do Discurso, tendo como base: Norman Fairclough e Van Dijk. A direção resultante da pesquisa denota que o termo remete à *senzala social* e a não-integração do negro pós abolição da escravatura.

Palavras-Chave: Favela; Comunidade; Análise Crítica do Discurso; Hegemonia.

Abstract: The obscurity of the assimilation of terms, community x favela, is something that deserves to be discussed, given the lack of content that denotes how this process of disuse of one term for the adhesion of another took place. Thus, this work aims at understanding in which social field the change of terms took place. The theoretical contributions that support this study consider the Critical Discourse Analysis, based on: Norman Fairclough and Van Dijk. The resulting direction of the research denotes that the term refers to the social *senzala* and the non-integration of black people after the abolition of slavery.

Keywords: Favela; Community; Critical Discourse Analysis; Hegemony.

Submetido em 08 de outubro de 2019.

Aprovado em 11 de janeiro de 2021.

¹ Pesquisador da Universidade Federal Rural de Pernambuco E-mail: luizhenriquepp.com@outlook.com.

² Pesquisadora da Universidade Federal Rural de Pernambuco E-mail: clarice.darck@hotmail.com.

³ Mestre com formação em Letras, na área de Língua Portuguesa pela Universidade Federal da Paraíba. Professor efetivo de Língua Portuguesa da Rede Estadual de Ensino de Pernambuco e da Rede Municipal de Ensino da Vitória de Santo Antão, Pernambuco. E-mail: emanoelvox@outlook.com.

Introdução

*Não dá pra acreditar que vai mudar
se trocar o nome de favela pra comunidade.
Pouco importa a nomenclatura se falta cultura
(Rapper - MV Bill)*

Tendo em vista que o Brasil foi o último país a abolir a escravidão na América Latina, fazendo com que este país tenha a maior população afrodescendente fora da África, faz-se necessário refletir sobre a condição da população negra, e os resultados dessa abolição tardia sem reinserção social. Esta atual condição do povo negro assemelha-se, em muito, às condições desumanas a que eram submetidos, nas quais eram negados os direitos constitucionais básicos (COSTA, 1999, p. 165).

Ao pensar sobre a favela e como ela é vista socialmente diz-se que “Historicamente, o eixo paradigmático da representação das favelas é a ausência. Nesta perspectiva, a favela é definida pelo que não seria ou pelo que não teria” (SILVA, 2009, p.16). A partir dessa perspectiva, entende-se a problemática da situação desumana que a população negra enfrenta por conta do descaso das políticas públicas opacas no Brasil.

Assim, na tentativa de analisar as relações de poder existentes na mudança de um termo para o outro e a carga significativa que o termo *favela* possui, emerge este trabalho, com métodos de revisão bibliográfica, voltado para o lugar de potência⁴ do termo *favela*, utilizando de pressuposto para questionar a perspectiva estrutural, dois dicionários que contêm os termos *favela*, *comunidade* e *senzala* e como estão sendo apresentados em ambos, o primeiro é um dicionário do século XX e o segundo é um dicionário *online* do presente século.

Por meio disso, neste trabalho foram consideradas: a análise crítica do discurso por Norman Fairclough (2001) e Van Dijk (2005; 2012); o conceito de *favela* por Silva (2009); a comparação de Costa e Azevedo (2016) entre *favela* e *senzala*, no intuito de localizar a era na qual estamos, visando estabelecer o conceito de *favela* e/ou *comunidade* nesta época. Dessa forma, os estudos críticos do discurso são de suma importância para depreender se o termo *favela* recebeu uma nova roupagem, ou não, sendo substituído pelo termo *comunidade*, ou seja, através da interdisciplinaridade é

⁴ Lugar de potência e/ou lugares de poder é o termo usado pelo geógrafo Claude Raffestin (1993, p. 186-189) na obra “Por uma Geografia do poder” para tratar das relações que orbitam no meio social, pensando em uma centralidade e nas relações de poder que perpassam o campo das sociedades humanas de forma violenta, pensando numa centralidade e numa marginalidade há nos centros urbanos.

válido pensar e repensar as estruturas sociais e as relações de poder que predominam no meio social.

Os métodos que conduzem a pesquisa são de caráter documental atrelados a uma revisão bibliográfica. Valemo-nos de dois dicionários — o dicionário Magno (1995) e o dicionário online Dicio.com — que retratam o significado dos termos estudados (*favela*, *comunidade* e *senzala*), já que o sentido desses nomes orbita na língua em funcionamento no mundo real. Leva-se em consideração a área da Análise Crítica do Discurso; Filosofia e as Ciências Sociais com o intuito de fundamentar de forma sólida a concepção aqui discutida. Isto é, somam-se duas metodologias de pesquisa já reconhecidas para que esse trabalho possa emergir e acrescentar algo ao debate.

1 Fundamentação teórica

1.1 Favela: uma analogia à Senzala

Para pensar numa definição do termo *comunidade*, definido por Magno (1995, p.277) como “propriedade do daquilo que é comum”, é necessário pensar no termo *favela*, definido pelo mesmo como “Conjunto de barracões e casebres, rudemente construídos com restos de madeiras e latas, totalmente desprovidos de condições higiênico-sanitárias”, que o antecede, e ao que este termo remete/reflete na sociedade. E, por meio disso, tentar desvelar o quão semelhantes são as deficiências da favela em comparação às deficiências nas senzalas e em que se assemelham à situação do negro em ambas as localidades.

Assim, de acordo com Silva (2009, p.16), o termo *favela* está centrado no aspecto da ausência, mas, apesar de ser um termo de ordem pejorativa, dada a marginalização que adquiriu, ele teve sua importância para o reconhecimento dos problemas encontrados nas zonas periféricas. O autor ressalta que um termo pode ser desvalorizado ou valorizado dependendo da significação que recebe e ao que ele se reporta. O termo *favela* é desvalorizado por ser visto como um ambiente de situações precárias e, posteriormente, por ser reconhecido publicamente como um lugar de descaso público, uma valorização por interesses políticos.

Já a definição em harmonia com Freire (2008, p.100), sugere que *favela* é “o termo utilizado para denominar espaços que se caracterizam pela ‘precariedade’, ‘irregularidade’ e ‘desconformidade’ [...] marcados por uma virtualidade negativa”. Essa compreensão sobre favela ressalta a definição, anteriormente exposta, de que

favela é um marco de ausências e irregularidades que fogem aos padrões do centro urbano, portanto, desprestigiam a eficácia do poder público. É neste momento que o poder público procura a mudança de termos na tentativa de apaziguar a sociedade que busca uma maior equidade na “geografia do estado”, que Raffestin (1993, p.136) aponta como uma política em que “a população perde seu significado próprio, isto é: é concebida, e não vivenciada. Ela só tem significado pela ação do Estado. Seu significado deriva da finalidade do Estado”.

O interesse, pelos políticos, na criação de políticas públicas, aos arredores das cidades, tenciona o estabelecer de um controle na população destes espaços. Como aponta Freire:

[...] o fato de apontar que a descoberta da favela pelo poder público como um “problema” surgiu muito mais do incômodo que esses aglomerados urbanos causavam à urbanidade do que de uma postulação de seus habitantes ou de uma vontade política de universalizar o acesso a direitos básicos de cidadania (FREIRE, 2008, p. 96).

Essa perspectiva reforça o seguinte pensamento: há segundas intenções atrás das ações públicas que reforçam a marginalização da favela, tais como: a implantação das Unidades Pacificadoras dentro das favelas, as operações com setores da segurança pública avançada e a criminalização do Funk. Intenções essas que se destinam a um bem-estar de grupos urbanos que possuem regalias de infraestrutura e bem-estar em suas comunidades urbanas centrais. E, com isso, mostra o descaso das autoridades públicas com as mazelas da população que vive na periferia dos grandes centros urbanos.

As favelas remetem muito ao que as antigas senzalas caracterizavam, sendo o termo *senzala* de “origem na África, que significa o mesmo que morada, habitação. Era uma espécie de alojamentos dos escravos brasileiros (durante toda a fase da escravidão século XVI ao XIX). Eram grandes, mas apertadas para a quantidade de pessoas que viviam dentro” (NASCIMENTO e NASCIMENTO, 2012, p. 3424).

As condições de espaços abarrotados são marcantes nas periferias, assim como no tempo da escravidão eram as conjunturas das senzalas. Desse modo, há uma indicação de favela como uma senzala dos tempos pós-modernos. Como é sabido, após a abolição da escravidão no Brasil, com a saída dos escravos das senzalas, onde eram mantidos em condições desumanas, essa população negra inicia a ocupação das zonas

periféricas das cidades. Como é apontado por Costa e Azevedo (2016):

O (a) escravo (a) passará a ocupar o ambiente urbano e a disputar o uso do solo urbano. Com o notório desenvolvimento das cidades brasileiras, os espaços da cidade passaram a possuir cor e classe social. Os bairros centrais passaram a ter valores altíssimos, em contrapartida com os bairros periféricos que eram ocupados ilegalmente (COSTA e AZEVEDO, 2016, p. 148).

É notório que esta ocupação dá início a uma segregação socioespacial em recursos e prioridades políticas, visto que, a população que reside nessas zonas periféricas, na maioria das vezes, é pobre e de cor negra. E isso proporciona desigualdades de recursos entre estas localidades, com a preferência de infraestrutura para os centros e não para os subúrbios.

Concomitante a essa visão social, Claude Raffestin (1993, p. 136), na obra “Por uma geografia do poder”, destaca e reverbera sobre a influência da globalização e o processo de industrialização no aumento das desigualdades. Segundo o geógrafo, o fato da desigualdade social e da segregação socioespacial converge em muito com o avanço do capitalismo, trazendo para o debate o feito de algumas empresas e indústrias que criam guetos em volta das suas unidades com o intuito de conseguir congregação de trabalho barato.

1.1.1 Comunidade |ACD|

O termo *comunidade*, segundo a Doutora em Sociologia Leila Marrach Basto de Albuquerque, pela PUC/SP, é resgatado no século XIX e “passa a simbolizar a imagem de uma boa sociedade” (ALBUQUERQUE, 1999, p. 51). A partir disso, o termo adquire um caráter positivo por parte da sociedade.

Porém, a troca do termo *favela* por *comunidade* é uma forma, segundo Freire (2008, p. 109), de tentar amenizar o estigma que o termo *favela* traz em sua carga sócio-histórica-cultural, pois “a categoria ‘comunidade’ parece evocar, tanto para os representantes do poder público quanto para os moradores diretamente atingidos pelo processo de estigmatização, uma alternativa simbólica viável”. No entanto, a troca do termo advém de uma política que tem como paliativo a decisão de resolver os problemas existentes apenas no âmbito discursivo.

Assim, faz-se necessário apontar o que Van Dijk (2012), analista crítico do discurso, retrata sobre as estruturas sociais rudimentares e a maneira como estas se

articulam fitando manipular, excluir, ocultar, mascarar preconceitos e discriminações. Segundo Dijk, a Análise Crítica do Discurso (ACD) é multidisciplinar e através de um estudo visa entender a sociedade e o modo como o discurso evidencia as relações de poder e os problemas sociais.

Dessa forma, é viável apontar que de acordo com Dijk (2012, p. 129) a discriminação racial “é um sistema complexo de desigualdade social e política, que também é reproduzido pelo discurso geral e pelos discursos da elite em particular.” Assim, ele apresenta a perspectiva de que a visão hegemônica e segregatória é uma maneira complexa articulada pela “elite” com a finalidade de privar os indivíduos que se encontram em vulnerabilidade socioeconômica e estrutural, no que diz respeito à qualidade de vida, da ascensão social.

Ainda nessa mesma cosmovisão, Dijk (2012) destaca quais são algumas figuras de linguagem usadas na propagação do discurso segregacional-racial:

Afirmações argumentativas acerca da depravação da cultura negra são combinadas com negações das deficiências dos brancos (racismo), com a mitigação retórica e a eufemização de seus crimes (colonialismo e escravidão) e com a inversão semântica da culpa (culpar a vítima). O conflito social é assim cognitivamente representado e destacado pela polarização, e discursivamente sustentado e reproduzido pela depreciação, demonização e exclusão dos Outros da comunidade que pertence a Nós, os civilizados (VAN DIJK. 2012, p. 130).

A figura que é mais utilizada nos preconceitos raciais é o eufemismo de acordo com a citação superposta. Assim, é possível pensar numa possível eupemização que o termo *favela* sofreu sendo substituído por *comunidade*. Como não foi uma ação interna, isto é, uma decisão dos moradores dessa localidade trocar esse termo, não se pode afirmar veementemente que este termo passou por um processo de resignificação.

Assim, tampouco é possível afirmar que este nome pode ter passado por um processo de suavização. Já que, como a decisão de mudar parte de um ponto externo à realidade dos moradores da favela, ou seja, segundo o filósofo brasileiro Paulo Ghiraldelli Júnior (2013, p. 60), o debate acerca do termo *favela* ou *comunidade*, aqui no Brasil, surge no nível do politicamente correto.

Segundo Castro (2004), as favelas devem ser tratadas como comunidades e para ele a perspectiva da troca de termos tem um ponto positivo, pois o termo que antecede *comunidade* tem toda uma construção cultural pejorativa. Contudo, adotar um termo e rejeitar outro é uma tentativa de ocultar um estigma social pelo qual vivem todos os que

moram nessas zonas periféricas, decidir chamar de comunidade não altera a realidade socioeconômica, tampouco a discriminação que os moradores dessas localidades sofrem. Decidir mudar o termo *favela* é tentar esconder uma realidade historicamente construída, as condições precárias vividas na época da escravidão e, conseqüentemente, perpassada para os moradores das periferias.

2. Sociedade

Antes do surgimento do termo *sociedade*, pensadores como Platão e Aristóteles⁵, que são ícones da antiguidade clássica, usavam o termo *cidade*. Já o filósofo Immanuel Kant⁶, um marco da modernidade no que tange ao pensamento iluminista, entendia a ‘sociedade’ como ‘um público’.

Só no século XIX é que o termo *sociedade* ganha notoriedade e relevância. Através dos estudos do filósofo positivista Auguste Comte (1798 - 1857) é estabelecido uma ‘física social’ que visa estudar o ser humano como ser social. Porém, é por meio de Émile Durkheim (1893) que a perspectiva de um sistema social – sociedade – estabelece-se mais firmemente (ALMEIDA, 2018, p. 9-10).

Assim, Durkheim amplia o significado de sociedade etimologicamente e se pode pensar, hoje, que sociedade é uma concepção que incorpora todo o conjunto de atividades da humanidade, isto é, um aparelho que possui prioridades e ideais. Este pensamento convergirá com a definição de cultura como a totalidade das atividades humanas.

Logo, pode-se entender sociedade na ótica de Émile Durkheim, influenciado pelos estudos de Charles Darwin e de Hebnner Spencer nas ciências naturais, como um sistema orgânico vivo no qual cada indivíduo faz parte do todo (social) e deve se sentir parte deste todo, pelo contrário o sistema não funcionará habilmente (ALMEIDA, 2018, p. 8).

4. Análise dos dados e discussão dos resultados

Os conceitos de *favela*, *comunidade*, *sociedade* e *pós-modernidade* precisavam ser mobilizados nos tópicos anteriores, visto que essa problemática se localiza em um contexto histórico, em uma localidade e acerca de um povo que segue na luta por

⁵ Platão fez uso dessa palavra na Obra “A república”, e Aristóteles se valeu dessa palavra na obra “Ética a Nicômaco”.

⁶ O filósofo prussiano Immanuel Kant se vale da expressão “um público” para se referenciar a sociedade.

visibilidade e por maior assistência governamental. Dito isso, nessa seção serão discutidas as definições de *favela*, *comunidade* e *senzala*, atrelado aos pressupostos da ACD, analisando definição por definição e contrastando os significados do dicionário mais antigo com o mais novo, de modo a notar disparidades e semelhanças entre os discursos que circundam na sociedade.

Feito este apontamento, é válido delimitar o nosso *corpus* de pesquisa: as primeiras definições aqui expostas, *senzala*, *favela* e *comunidade*, respectivamente. Estas estão contidas no dicionário Magno da Língua Portuguesa, do final do século XX, as demais definições que serão contrastadas com as do dicionário Magno fazem parte de um acervo *online* de definições, o Dicio.com, dicionário virtual do qual serão apresentadas e discutidas sucessivamente as definições de *senzala*, *favela* e *comunidade*.

Acerca da discussão de trocas de termos e a sinonímia que essa troca parece insinuar entre estes dois locais na sociedade – *favela* e *comunidade* – ao passo que é mostrado as definições catalogadas em dicionários, iremos analisar recortes de reportagens e tentar mostrar que essa troca além de estar envolta no politicamente correto, ainda envolve outros órgãos. Será visto e exemplificado que não só os governos instauraram essas definições como outras instituições – Polícia Militar e ONU – acabam perpetuando essas ideias de melhoramento apenas discursivo.

Em um primeiro momento, é essencial destacar a relevância que os dicionários possuem nos estudos de análise crítica do discurso; é essencial entender que para analisar e discutir esses fatores e/ou elementos, se faz necessário ter um *corpus* que será pesquisado e que por meio dele serão testadas hipóteses, isso é um dos pressupostos dessa pesquisa, dito isso, se torna válido apontar que os dicionários demonstram a língua funcionando em seu estado metalinguístico, pois define palavras usando palavras que, no que lhe concerne, possuem outras definições e outras.

Para além disso, dicionários são documentos, eles reportam a um pensamento que circunda no meio social e define as palavras apontando um sentido para tais, sendo assim, estudar e analisar dicionários é entender como a sociedade se articula e articula os sentidos que alega as palavras, ou seja, a partir dos dicionários é possível notar como os sentidos se estabilizam no imaginário popular, e é por meio desse estudo que é possível questionar os pressupostos sobre os quais a sociedade se solidifica. Isso é evidenciado por Norman Fairclough (2001), quando diz:

Há uma tendência a enfatizar demais o texto como produto e a relegar o segundo plano os processos de produção e interpretação de textos [...] mas os textos podem estar abertos a diferentes interpretações, dependendo do contexto e do (a) intérprete, o que significa que os sentidos sociais do discurso (bem como ideologias) não podem ser simplesmente extraídos do texto sem considerar padrões e variações na distribuição, no consumo e na interpretação social do texto (FAIRCLOUGH, 2001, p. 49-50).

Dessa forma, os dicionários são relevantes para a ACD, pois denunciam sentidos, definições, preconceitos, estigmas sociais e ideologias. Assim, definir e/ou delimitar o sentido de um nome, é tentar conferir um limite de significações para ele, com isso, a hegemonia e os estigmas sociais também passam pela língua e é isto que veremos nos parágrafos seguintes.

A definição de *senzala* no dicionário Magno (1995, p. 804) é posto da seguinte forma:

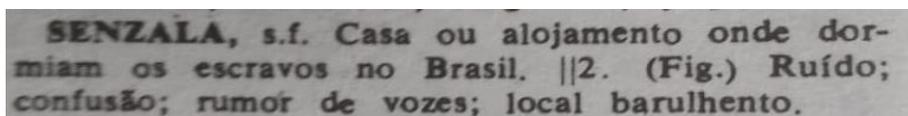


Imagem 1. Definição de *Senzala*.

Fonte: Foto da página 804 do dicionário Magno

O dito e o não dito são passíveis de análise nessa definição. O dito faz menção ao lugar e quem ficava nesse lugar, ainda é atribuído um sentido figurado ao termo (substantivo feminino [s.f.]) *senzala* que vai em direção ao sentido de confusão e barulho. Ou seja, é atribuído um sentido de viés negativo a este termo.

O que não é dito, e em nenhum momento existe menção, concerne à situação a qual os negros viviam nessas senzalas, a estrutura, a desumanização que é uma senzala. As condições infelizes que os negros eram submetidos, esse não dito, direciona o olhar do analista para o descuido e até à ocultação de certos sentidos e fatos. Dizer que senzala é uma casa, sabendo que o sentido de casa que orbita no senso comum é favorável e de viés positivo, é, no mínimo, injusto com a trajetória e a história da escravidão no Brasil.

E nesse ponto supracitado que a hegemonia se faz presente, muito embora estejamos discutindo o termo *senzala*, estamos também o tratando como analogia à *favela*, nessa repentina troca de termos do campo social/político — troca de *favela* para *comunidade* — torna-se um intertexto com um pressuposto que “aponta para a produtividade dos textos, para como os textos podem transformar textos anteriores e

reestruturar as convenções existentes (gêneros, discursos) para gerar novos textos” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 135). Ou seja, embora não haja explicitamente uma troca textual e/ou discursiva abrangente, essa troca de termos formulou, com o passar do tempo, um conceito distorcido sobre a situação nos morros das favelas. Essa, talvez, foi a grande vantagem de caráter político nessa mudança de termos.

Com isso, é possível perceber como a alteridade e o dizer o outro se relacionam, pois há um interesse em omitir certos fatos históricos e minimizar as condições sub-humanas as quais os negros eram submetidos durante o período da escravidão. Definir é político; delimitar também o é. Dito e não dito aqui, congregam com um discurso e uma ideologia reacionária, de que “a escravidão não foi tão ruim assim”⁷. São discursos recorrentes na sociedade que estão inseridos dentro de uma macroestrutura discriminatória e objetiva, no que tange a minimizar o sofrimento do outro. Esse dito e não dito aqui exposto, caracteriza, como já dito, as finalidades e ideologias predefinidas em uma tentativa de mudança de contexto, e:

Controlar o contexto implica controlar uma ou mais destas categorias, e. g., determinar a definição da situação comunicativa, decidir o tempo e espaço do evento comunicativo ou onde os participantes podem ou devem estar presentes, e em que papéis, ou decidir que conhecimento ou opiniões eles devem (não) ter e que tipo de ações sociais podem ou devem ser realizadas pelo discurso (DIJK, 2005, p. 24).

As definições que um dicionário apresenta são caracterizadas por vários prismas ideológicos e pelo discurso hegemônico que nesse ambiente é algo assíduo, dessa forma, estamos compreendendo o dicionário como reflexo de uma macroestrutura discriminatória e como reprodutor de um discurso de superioridade e reacionário que pretende, por meio de conceitos breves e descuidados, minimizarem os impactos dessa estrutura racista.

Abaixo da definição de *senzala* é possível notar outro termo que é definido e delimitado por Magno (1995. p. 804):

⁷ Título da reportagem da BBC em outubro do ano passado: **“Escravidão não foi tão ruim assim”: os controversos comentários de turistas no sul dos EUA**”: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-49914833>> acesso em 04 de novembro de 2020.

SENZALISMO, s.m. Maneira vil ou torpe de agir, característico dos hábitos das senzalas.

Imagem 2. Definição de *Senzalismo*.

Fonte: Foto da página 804 do dicionário Magno

O termo da vez referencia um tipo muito específico de pessoas e de costumes. *Senzalismo* é, segundo Magno, a “maneira vil ou torpe de agir, característico dos hábitos das senzalas”. Seria daí que derivaria a famigerada expressão “coisa de preto”. Ou melhor, teria ou seria alusiva a comparação desse termo com o dito popular: “coisa de favelado”. Isso dá a entender que em diversos momentos e áreas a sociedade não avançou, tampouco evoluiu, pois alguns problemas simplesmente não mudam, mas sim, permanecem estáticos e/ou recebem outro nome.

FAVELA, s.f. Conjunto de barracões e casebres, rudemente construídos com restos de madeira e lata, totalmente desprovidos de condições higiênico-sanitárias. São levantados em terrenos baldios, em morros, ou às margens dos rios. ||2. (Bot.) Denominação dada às plantas que nascem nas caatingas baianas.

Imagem 3. Definição de *Favela*.

Fonte: Foto da página 423 do dicionário Magno

É válido apontar que o termo *favela* já existia antes dos adventos das favelas, isto é, ele foi ressignificado, e a primeira definição que possuiu não é mais tão usual quanto a que se popularizou; o termo *favela*, antes de definir as construções improvisadas nas encostas dos morros, se referia “às plantas que nascem nas caatingas baianas” (MAGNO, 1995, p. 423).

No que tange a definição de *favela*, que nos é apresentada pelo Magno, é importante destacar que há o conhecimento por parte da máquina estatal, que a população que reside nessas localidades não vivem em condições higiênico-sanitárias boas, sendo dever do estado conceder o bem-estar das populações periféricas, o fato é que o dito dessa definição implica mais na estrutura das favelas que nas condições, pois o que não é dito nessa definição: a violência constante, a falta de policiamento, o tráfico, as facções, existe uma facilidade de ter milícias atuando nessas localidades. Favela não é apenas estrutura, favela é sinônimo de invisibilidade governamental.

Um dos ganhos que essa definição agrega, se vista contextualmente pelo prisma contextual, as construções brutas feitas nas encostas dos morros ou em locais de difícil acesso, rememoram este fato histórico: a abolição da escravatura em 1888. Os negros que não se sujeitaram a ficar nas casas de engenho, tiveram que improvisar a sua subsistência, daí a criação das favelas. É possível dizer que o título do trabalho de Costa de Azevedo (2016, p. 145) “Das senzalas às favelas: onde vive a população negra?” concorda em muito com o que aqui está sendo dito, pois a abolição da escravatura implicou no surgimento das favelas.

Com isso, na definição seguinte, uma das hipóteses que tínhamos será testada, visto que remete a um momento histórico-político. A tentativa de mascarar essa história e optar por “resolver paliativamente o problema” no âmbito do discurso, é algo recorrente na cultura brasileira. Assim, é do interesse da macroestrutura dominante de que leia-se a definição de uma localidade periférica e entenda-se que há problemas de ordem estrutural, mas que os problemas de ordem de segurança pública inexistem. Ou seja, a definição distancia o leitor do sentido mais efetivo desse termo. É esse distanciamento que tentamos situar a troca de termos como uma rearticulação discursiva. Nesse passo, é preciso pensar como essa rearticulação afeta o discurso de uma população que já não é ouvida, muito menos, posta em evidência (FAIRCLOUGH, 2001, p. 127).

Abaixo da definição de *favela*, temos a definição de *favelado* na imagem a seguir:

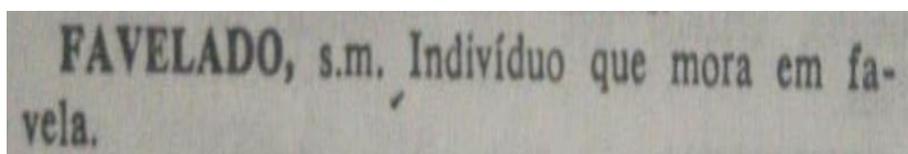


Imagem 4. Definição de *Favelado*.

Fonte: Foto da página 423 do dicionário Magno

Diferente do termo apresentado pelo dicionário Magno para indicar os hábitos de quem sobrevivia nas senzalas, *senzalismo*; aqui, o dicionário conceitua o próprio indivíduo, não seus hábitos. Nessa definição simples, favelado é o “indivíduo que mora na favela”, a síntese imposta nessa definição não compreende o quão problemático é determinar o indivíduo pela localidade que ele reside, isto é, marcar na linguagem quem é estigmatizado e invisibilizado pela sociedade por morar em um bairro periférico, é

localizar o outro na dimensão do diferente, do avesso à normalidade. Quanto aos sinônimos de *favelado*, nem é necessário citar, estão vinculados quase sempre às palavras de cunho pejorativo e negativo.

Mais uma vez, entramos no campo da hegemonia, no qual a mudança discursiva se faz presente solidificando uma convenção que contraria a já existente, essa mudança é extremamente importante para estabelecer novas hegemonias (FAIRCLOUGH, 2001, p. 128). Essas hegemonias formadas anteriormente trazem, mais uma vez, a noção de naturalização, muito embora o fato de tornar algo natural seja o mesmo que tornar outro anormal. Dito isso, temos que o normal (comunidade) não afetará o governo, já a parte anormal (favela) é que precisa ser controlada. O controle, que deveria ser as políticas públicas eficientes, foi, talvez, mascarado pela troca de termos.

A título de encerrar os comentários acerca do dicionário Magno e iniciar os comentários sobre o Dicio.com, se valendo da mesma ordem dos termos *senzala*, *favela*, *comunidade*, analisaremos a seguir o termo *comunidade* e a maneira como está definido e delimitado no dicionário Magno (1995):

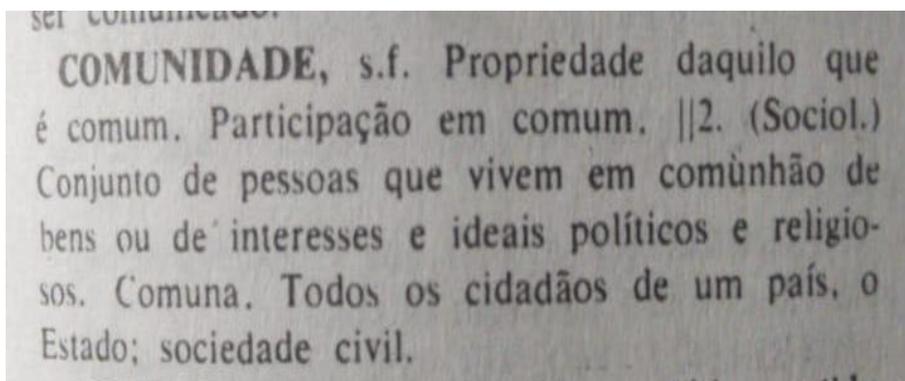


Imagem 5. Definição de *Comunidade*.

Fonte: Foto da página 277 do dicionário Magno

A definição atribuída ao termo *comunidade* no ano de publicação do dicionário, não o compreende enquanto sinônimo de *favela*, muito menos enquanto termo que a substitua. O que induz a seguinte reflexão: ainda nesse tempo, *comunidade* não havia adquirido o sentido popular de *favela*, pois como é visto na imagem acima, o sentido dela perpassa pelas relações sociais, pela cidadania, e, ao contrário de hoje, não dizia respeito aos bairros periféricos. A incorporação da analogia que será posta nos próximos conceitos (re)articula novas formas de discurso, no entanto, o que tentaremos ver é se “tais mudanças estruturais podem afetar apenas a ordem de discurso ‘local’ de uma

instituição, ou podem transcender as instituições e afetar a ordem de discurso societária” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 128).

Dito isso, as análises seguintes conterão *prints* do site *Dicio.com*, e as definições das mesmas palavras anteriormente citadas no intuito de comparar as definições e delimitações, a fim de entender como essas definições auxiliam no entendimento dessa eufemização do termo *favela*.

O termo *senzala* é definido no dicionário da seguinte forma:



Print 1. Definição de *Senzala*.

Fonte: Printscreen da página Dicio.com⁸

Assim como no Magno (1995, p. 804), o dicionário online Dicio.com apresenta uma definição semelhante à definição no dicionário que compreende o século passado, mas, ao usar o nome habitação ao invés de casa, é possível ver o esmero no que diz respeito a amenizar e suavizar a condição dos escravos aqui no Brasil, pois não se podem relativizar fatos históricos. Dado isso, é importante caracterizar que as definições de ambos os dicionários, mais se aproximam do que se repelem.

O termo *favela* é definido no dicionário da seguinte forma:

⁸Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/>>. Acesso em: 10/11/2020.



Print 2. Definição de *Favela*.

Fonte: Printscreen da página Dicio.com

Semelhante à definição proposta por Magno, o Dicio.com caracteriza e delimita favela como “um conjunto de moradias construídas normalmente nas encostas do morro”, a definição parte do pressuposto estrutural, mas um elemento acrescenta algo ao debate, o último termo que fecha a definição de *favela* é *comunidade* e mais abaixo na página é visto que o dicionário *online* localiza *favela* como sinônimo de *comunidade*. Sabe-se que não existe sinônimo perfeito, ainda assim, é possível perceber que a carga semântica muda entre a adesão de um termo *favela* durante dado discurso e a adesão do termo *comunidade*. Ainda que aponte para o mesmo objeto no mundo, ambos os termos detêm uma carga semântica distinta. É nessa direção que:

O foco de atenção na investigação da mudança discursiva deveria manter a alternância entre o evento discursivo e tais mudanças estruturais. Porque não é possível avaliar a importância do primeiro para os processos mais amplos de mudança social sem considerar as últimas, da mesma forma que não é possível avaliar a contribuição do discurso para a mudança social sem considerar o primeiro (FAIRCLOUGH, 2001, p. 128-129).

Isso denota, no contexto que temos como base dessa pesquisa, que a troca de termos não cumpriu com essa “via de mão dupla”⁹. Enquanto o termo *comunidade* é mais brando e denota uma propriedade comum a todos, o termo *favela* escancara toda uma realidade que se quer ocultar, toda uma realidade perpassada por problemas de ordem social: segurança; e problemas de ordem estrutural: saneamento básico. O termo

⁹ Expressão popular referente à contemplação de dois ou mais fatos que colaboram de modo concomitante em favor de algo ou alguma coisa.

favela denuncia toda uma realidade, enquanto o termo *comunidade* oculta. Essa tomada de decisão é totalmente política.

Nesse mesmo cenário temos o termo *comunidade*, apresentada a seguir:

dicio.com.br/comunidade/

Significado de Comunidade

substantivo feminino

Qualidade do que é comum, que pertence a todos; paridade; comunhão, identidade.

Conjunto das pessoas que habitam o mesmo lugar, dos que pertencem ao mesmo grupo social, com um mesmo governo, cultura e história; esse local.

[Popular] Agrupamento de casas populares que, normalmente, são construídas nas encostas de morros; favela.

População que habita um lugar e partilha dos mesmos interesses.

Qualquer lugar onde há pessoas instaladas.

Agrupamento de pessoas com a mesma profissão, ofício, ou atividade.

Grupo de quem, além de viver junto, possui a mesma crença.

Conjunto daqueles que, embora vivam em lugares ou países diferentes, partilham a mesma história, cultura, hábitos, economia ou política.

[Religião] Sociedade religiosa submetida a uma regra comum; ordem, congregação.

[Sociologia] Agrupamento social que se caracteriza por acentuada coesão baseada no consenso espontâneo dos indivíduos que o constituem.

Etimologia (origem da palavra *comunidade*). Do latim *comunitas.atis*, "comunidade".

Print 3. Definição de *Comunidade*.

Fonte: Printscreen da página Dicio.com

Faz-se necessário apontar que há várias definições do termo *comunidade*, pois não há só um tipo de comunidade ou apenas um uso, para tal nome, o signo linguístico é polissêmico, daí essa quantidade exorbitante de aplicações de uma mesma palavra em vários sentidos. Dito isso, o que nos interessa aqui é a terceira definição, de cunho popular como sinaliza a organização do Dicio.com, entre “[popular]”: “agrupamento de casas populares que normalmente são construídas nas encostas dos morros; favela”. Ou seja, é possível perceber, contrastando ambos os dicionários e ambas as definições, que o termo *comunidade* se apropriou do sentido de *favela*, ambos hoje apontam para o mesmo objeto, porém enunciam de lugares distintos e dão ênfase a representações distintas.

A comparação auxilia no entendimento da problemática e dá suporte para a afirmação de que esse processo de eufemização pelo qual passou o termo *favela*, ocorreu entre final do século passado (XX) e os dias atuais (século XXI), visto que embora o Dicio.com tenha sido criado em 2008, conforme afirmam os metadados do site, as definições passam por revisões constantemente e isso auxilia e aproxima cada palavra do seu uso mais efetivo e recorrente. Dessa forma, é válido dizer que afirmar precisamente o ano e o que causou a mudança é um trabalho árduo, por isso conseguimos localizar os anos entre a publicação de ambos os dicionários e advento do

politicamente correto, movimento que dá vazão para essas questões. Fairclough (2001) coloca mudança discursiva como uma forma de marquetização, na qual, o produtor (res) articula sua fala para o consumidor adquirir novas hegemonias atribuídas no discurso (FAIRCLOUGH, 2001, p. 130).

Agora, por meio dos recortes de notícias veremos as discrepâncias que a utilização do termo *favela* ao ser retomado por *comunidade*, ou vice-versa, passa. Muito embora pareça que estão tentando introduzir a mesma ideia, veremos que são utilizados de uma forma contextual-discursiva deveras diferente. Vejamos o recorte de uma notícia referente à segurança pública nas favelas do Rio de Janeiro:



Print 4. Visão discursiva da PM.

Fonte: Printscreen da página do site brasil.elpais.com¹⁰

Note que, no primeiro período desse trecho, o termo *favela* é utilizado para introduzir os “intensos tiroteios entre policiais e traficantes do morro” já o termo *comunidade*, anáfora que a sucede, introduz a “comunidade da nobre Zona Sul do Rio de Janeiro”, e mais, que “foi a primeira a receber uma Unidade de Polícia Pacificadora (UPP)”. É perceptível a diferença discursiva que sucedem os termos já citados, quando a favela é citada o contexto que a cerca a define como um lugar de insubordinações, violências e criminalização. No entanto, quando a comunidade é mencionada, o discurso é mais brando e contextualiza um lugar que além de estar em uma zona nobre, ainda foi melhorada com a UPP, uma forma de demonstrar que esse local recebeu melhoramentos no combate ao crime.

Além dessa visão perpassada pelo controle da Polícia Militar, a qual é mencionada na reportagem, as discrepâncias discursivas perpassam as fronteiras

¹⁰ Disponível em: < https://brasil.elpais.com/brasil/2018/03/11/politica/1520769227_645322.html >. Acesso em: 19 nov. 2020.

brasileiras. Vejamos um recorte de uma reportagem no site da Organização das Nações Unidas (ONU):

Cities and towns thus have the duty to mobilise action towards improving housing conditions in slums as a means of meeting a basic human need. To achieve this, local participation has proved to be pivotal in galvanizing partnerships that catapult communities to address immediate needs within their locale. Participation can be turned into a powerful instrument to mobilize low income communities around the land challenges, urban planning, management and governance issues of their city neighbourhoods, provided that the participation is perceived to meaningful to them, empowers them and improves their daily lives.

Print 4. Visão discursiva da ONU.

Fonte: Printscreen da página do site unhabitat.org¹¹

Nesse recorte vemos o discurso¹² proferido na visão além das fronteiras brasileiras, e mesmo assim o discurso demonstra essas diferenças contextuais que foram vistas no recorte anterior. As favelas nesse recorte, as *slums*, são os lugares que precisam ser melhorados para uma melhor condição de vida, já as comunidades, as *communities*, adotam o discurso de uma mobilização comunitária que atenderam as necessidades imediatas do local.

Conforme foi dito na introdução desta seção, é de suma importância situar essa problemática contextualmente, pois esses elementos auxiliam no entendimento de algo mais efetivo no campo da linguagem. Para isso, foi necessário usar dois dicionários e, com base neles, analisar sobre uma perspectiva crítica do discurso, já que eles são a linguagem em uso e conceituam o que há, se faz relevante analisá-los sobre esse viés crítico.

Assim sendo, é perceptível que não só os discursos brasileiros como os de fora do país aderem os dois termos como retomada de um ou do outro, mas, inconscientemente (ou não), os diferenciam em seus discursos. O que mostra que aderir os termos como sinônimos não necessariamente os fazem ser vistos como tais, as diferenças sociais das localidades impedem que esse discurso de assimilação seja

¹¹ Disponível em: <<https://unhabitat.org/housing-slum-upgrading>>. Acesso em: 19 nov. 2020.

¹² Em tradução livre: “Os municípios, portanto, têm o dever de mobilizar ações para a melhoria das condições de moradia nas favelas como forma de atender a uma necessidade humana básica. Para conseguir isso, a participação local provou ser fundamental para galvanizar parcerias que catapultam as comunidades para atender às necessidades imediatas de sua localidade. A participação pode ser transformada em um instrumento poderoso para mobilizar comunidades de baixa renda em torno dos desafios fundiários, de planejamento urbano, gestão e governança de seus bairros, desde que a participação seja percebida como significativa para eles, os capacite e melhore suas vidas diárias”.

efetivado. Essa discussão acerca dos discursos midiáticos também nos mostra que a visão posta por Ghiraldelli (2013, p. 60) – para mais informações volte para o tópico 1.1.1 – deveria ir além do politicamente correto e entrar em um discurso mais abrangente de ocultamento de problemas sociais e não apenas de problemas discriminatórios.

Considerações finais

Por meio do debate e da discussão levantada em torno do tema, é possível pensar a favela como uma “senzala social moderna/pós-moderna”. Essa concepção é uma tentativa de reivindicar a visibilidade da discussão dos direitos básicos que são negados à população negra com a implementação de um novo termo, *comunidade*.

É possível perceber que as decisões surgem através de uma política opaca que visa apagar e invisibilizar o negro no Brasil. Isso implica na dificuldade de mapear em que nível foi cogitado trocar o termo de *favela* para *comunidade*, se no nível do senso comum, se essa discussão iniciou no nível político, se no nível acadêmico ou próprio do politicamente correto. Desse modo, é possível apontar que há uma obscuridade e uma opacidade na rejeição do termo e na adesão de outro, visto que isso aparenta ser algo propagado e disseminado pelo movimento do “politicamente correto”, mais vai bem além disso – entra nas questões de invisibilidade social e descaso governamental. Assim, percebe-se que a troca do termo *favela* é mais uma tentativa de elaboração de uma resolução apenas no âmbito discursivo para os problemas dos moradores dessas periferias, como: chamar o negro de afrodescendente não ameniza a luta travada contra o racismo e preconceito no cotidiano.

Sob esse entendimento, a utilização do termo *comunidade* é uma tentativa de camuflagem do que o termo *favela* tem em sua bagagem sócio-histórico-cultural, uma vez que a utilização desse termo traz consigo, além dos pré-conceitos e/ou preconceitos, a segregação social desses locais. Por fim, tem-se com a mudança de discurso e o uso da arte discursiva, uma forma de mudar crenças estabelecidas e impor uma realidade onírica de mudança social nas periferias. Mudança esta que ocorre apenas no meio discursivo, e não social.

Referências

- ALBUQUERQUE, Leila Marrach Basto de. **Comunidade e sociedade: conceito e utopia**. Raízes, Ano XVIII, Nº 20, novembro/ 99, pp. 50 - 53.
- ALMEIDA, A. M. S. **O surgimento da sociologia e a importância do conhecimento sociológico**. REVISTA ELETRÔNICA - ENSINO DE SOCIOLOGIA EM DEBATE, v. 1, pp. 1-10, 2018.
- CASTRO, João Paulo Macedo e. **Da favela à comunidade: Formas de classificação e identificação de populações no Rio de Janeiro**. Revista ANTHROPOLÓGICAS, ano 8, volume 15(2): 171-198 (2004).
- COSTA, Duane Brasil; AZEVEDO, Uly Castro de. **Das senzalas às favelas: por onde vive a população negra brasileira**. Socializando · ISSN 2358-5161 · ano 3 · nº1 · Jul · p. 145-154 · 2016.
- FAIRCLOUGH, N. **Discurso e Mudança Social**. (Coordenação da trad.) Izabel Magalhães. Brasília: UNB, 2001.
- FREIRE, Leticia de Luna. **Favela, bairro ou comunidade? Quando uma política urbana torna-se uma política de significados**. Revista DILEMA, 2008, pp. 95-114.
- JÚNIOR, Paulo Ghiraldelli. **Filosofia política para educadores: Democracia e direitos de minorias**. Editora Monole: Barueri. 2013.
- NASCIMENTO, Maria Isabel M.; NASCIMENTO, Manoel Nelito M. **O negro, da senzala para escola: a educação nos congressos agrícolas do rio de janeiro e pernambuco (1878)**. Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5, 2012, pp. 3423-3436.
- Magno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa**. Coord. Raul Maia Jr; Nelson Pastor. Difusão Cultural do Livro: São Paulo. 1995.
- SILVA, Jailson de Souza e. **O que é favela, afinal?** – Rio de Janeiro: Observatório de Favelas do Rio de Janeiro, 2009. p. 16.
- VAN DIJK, T. A. **Discurso e poder**. Tradução de Judith Hoffnagel, Karina Falcone (Org.). São Paulo: Editora Contexto, 2012, p.113-132.
- VAN DIJK, T. A. **Discurso, notícia e ideologia**. Tradução de Zara Pinto-Coelho. Porto: Campo das Letras, 2005, p. 24-25.